



Cultura do ouvir: vínculos sonoros na contemporaneidade¹

José Eugenio de Oliveira Menezes²

Resumo: O artigo apresenta a cultura do ouvir como possibilidade de criação de vínculos no contexto do excesso de imagens e hipertrofia da visão. Descreve, a partir de Christoph Wulf, o desenvolvimento ontogenético da audição e o crescimento da abstração na passagem da ênfase nas narrativas para a ênfase nas imagens. Analisa as perspectivas de trânsitos sonoros entre os quatro processos de comunicação descritos por Vilém Flusser (comunicação tridimensional, bidimensional, unidimensional e nulodimensional). Em diálogo com Merleau-Ponty, mostra a reversibilidade entre o falar e o ouvir e, a partir das perspectivas de Joachim-Ernst Berendt, Dietmar Kamper e Norval Baitello, apresenta indícios da cultura do ouvir nos processos comunicativos da contemporaneidade.

Palavras-chave: Comunicação; cultura; cultura do ouvir; vinculação; contemporaneidade.

1. Em busca das raízes

Com o objetivo de compreendermos a emergência da atenção à cultura do ouvir, navegamos no contexto de uma visão orquestral e transdisciplinar de comunicação que nos permita perceber que estamos enredados em processos comunicativos. Envolvidos em uma teia de vínculos, percebemos que os indivíduos participam na comunicação, como já enfatizou Ray Birdwhistell³ quando a concebeu como um processo permanente tão amplo quanto a cultura.

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Rádio e Mídia Sonora, durante o XXX Congresso da Intercom (Santos, 2007).

² Coordenador do Centro Interdisciplinar de Pesquisa e docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: jeomenezes@facasper.com.br

³ O antropólogo norte-americano Ray Birdwhistell (1918-1994) integra a chamada Escola de Palo Alto. Entende que um indivíduo não se comunica, “ele participa de uma comunicação ou se torna elemento dela. Pode mover-se, fazer barulho..., mas não comunica. Em outras palavras, ele não é o autor da comunicação, ele participa dela” (Birdwhistell apud WINKIN, 1998, p. 81). Os autores da Escola de Palo Alto propõem uma perspectiva orquestral da comunicação para questionar as tradicionais teorias funcionalistas (estímulo/resposta) da comunicação. “O telégrafo e a orquestra” é o título de um dos capítulos da obra de Winkin.



Neste sentido, quando falamos de cultura do ouvir buscamos as raízes dos processos comunicativos, ou melhor, buscamos pistas das fases históricas nas quais um ou alguns dos chamados órgãos dos sentidos foram mais privilegiados nos diversos ambientes culturais.

Christoph Wulf, um dos integrantes do Centro Interdisciplinar para Antropologia Histórica da Universidade Livre de Berlim, relembra que grande parte do mundo dos sons, tons e rumores que nos circundam está sujeita a mutações históricas, sociais e geográficas. Os sons do universo rural, por exemplo, são diferentes dos sons que conhecemos após a revolução industrial, mecânica e eletrônica⁴.

Para compreender a importância do ouvir, Wulf faz uma análise ontogenética enfatizando que já aos quatro meses e meio o feto têm condições de reagir a estímulos acústicos, que o ouvido se desenvolve antes da vista e que o ouvir é condição prévia para que se desenvolvam os sentimentos de segurança e pertencimento. No ambiente sonoro, muito antes das palavras com significados específicos, um bebê percebe o timbre da voz, o seu tom, a sua articulação, fundamentais na relação com os interlocutores.

A repetição de determinados sons do ambiente familiar, em formas de ritos sempre renovados, com os mesmos rumores e os mesmos tons de voz, favorece a ambientação do bebê em uma rede de sons. Na escuta de si mesmo e na escuta do outro, "o ouvido desenvolve um papel fundamental na constituição da subjetividade e da sociabilidade" (2001, p. 463). As repetições lingüísticas ritualizadas e articuladas em ritmos, bem como as imitações dos sons conhecidos, estimulam a capacidade mimética. Segundo Wulf, através de variações imitativas o bebê começa a falar e a compreender; com a possibilidade de se "fazer ouvir, adquire uma nova competência social graças a qual sua personalidade pode se desenvolver" (2001, p. 463).

Mostrando as relações entre o olho e o ouvido, Wulf lembra que enquanto o primeiro reduz o mundo a uma imagem bidimensional, o segundo capta a tridimensionalidade do espaço. Enquanto o olho, altamente centrado, percebe objetos que se encontram à sua frente, de forma estática, o ouvido permite o senso de equilíbrio, o sentido de localização no espaço e a percepção da sucessão dos sons na perspectiva do tempo.

⁴ Uma pesquisa sobre a história das paisagens sonoras em várias fases da história e em diferentes locais do planeta foi dirigida pelo compositor canadense R. Murray Schaffer e está disponível na sua obra *The Tuning of the World* (1977), traduzida para o português como *A Afinação do Mundo* (1997).



A compreensão do universo da cultura do ouvir nos remete tanto aos tempos das grandes narrativas mitológicas como também à atual valorização das histórias que, antes de dormir, algumas famílias ainda contam às crianças. Nesse contexto, ainda consideramos pouco estudada a passagem da ênfase no ouvir para o processo civilizatório que gerou o predomínio da cultura do ver ou cultura da imagem.

Na cultura grega, segundo Wulf, a passagem da oralidade, do período de Homero⁵, para a ênfase na visão e decifração da escritura foi gradualmente percebida quando, na época de Platão, se cumpriu a gradual passagem do predomínio da vista sobre os outros sentidos. O próprio Platão teria valorizado de forma ambivalente a importância da visão requerida pela escrita: deu total destaque ao falar e ao ouvir na dinâmica dialógica do filosofar, mas ao mesmo tempo frisou, na Alegoria da Caverna, a importância da visão como meio privilegiado de conhecimento. Por outro lado, os mitos de Narciso e Eco ou de Apolo e Marsia⁶, podem ser lidos, segundo Wulf, como expressões da tensão entre ouvir e ver, resolvidas em favor do ver.

Ainda de acordo com Wulf, após a difusão da escrita aconteceram profundas mudanças culturais. “A afirmação de formas de pensamento logocêntrico que se seguiram à difusão da cultura escrita exigiram processos de abstração que apresentam evidente afinidades como o ver” (2001, p. 465).

Quando nos referimos à cultura do ouvir advogamos a necessidade de pesquisarmos com maior profundidade as relações entre a visão e a audição nos processos comunicativos. Se, como já observamos, por uma perspectiva temos o olho que reduz o mundo a uma imagem bidimensional, em outra temos o ouvir e a percepção da tridimensionalidade do espaço. Perguntamos: o cultivo do ouvir pode enriquecer os processos comunicativos hoje muito limitados à visão? O cultivo do ouvir pode nos ajudar a viver melhor num mundo marcado pela abstração?

2. A escalada da abstração

O estudo da cultura do ouvir nos desafia a compreendermos alguns elementos dos processos de abstração. Tais processos permitem uma aproximação do homem com as coisas e com os outros homens, ou melhor, permitem a própria constituição do

⁵ A chamada “questão homérica” também foi objeto de estudo de Walter Ong (1998).

⁶ Marsias, na mitologia grega, era deus do rio Mársias, na Frígia. Tocava flauta, instrumento que a própria deusa Atena, sua inventora, havia desprezado porque disfigurava a face de quem o tocava. Desafiou Apolo, deus da música e da lira, para uma competição e foi vencido por ele.



homem como um animal simbólico, histórico, capaz tanto de tomar distância⁷ como de vincular-se às coisas e aos outros. Entendemos que esta aproximação é sempre mediada tanto pelo conjunto dos órgãos dos sentidos como pelas representações que marcam o repertório de textos das diferentes culturas. Como campo de imbricação constante da natureza e da cultura, o homem transita entre o contato direto com as coisas – e os outros – na sua tridimensionalidade e o contato mediado por representações que sempre captam parte das coisas, isto é, subtraem, reduzem ou abstraem algum aspecto.

Enquanto conversavam com os companheiros ao redor da fogueira os homens tinham amplo domínio do universo tridimensional. Os sons, tons e rumores criavam um ambiente de proximidade também favorecido pelo que podiam perceber dos odores, dos sabores, das percepções através da visão e do contato pele a pele, bem como da propriocepção ou percepção de si mesmos. Os sentidos da proximidade, como tato, olfato e paladar, conviviam com os sentidos de distância como audição e visão, conforme classificação do antropólogo norte-americano Ashley Montagu (1988, p. 20).

Dietmar Kamper⁸, a partir dos estudos de educação física, sociologia e filosofia, aborda a questão da abstração ao analisar a hipertrofia da visão num mundo marcado pelo excesso de imagens. Considera que a transformação dos corpos em imagens dos corpos teve lugar numa série de graus de abstração e indica que abstrair significa “subtrair o olhar a” (*Absehen von*).

O poder do olhar manifesta-se naquilo que não é visto, que é deixado à margem como vítima da primeira distinção de uma visão focalizadora. Os corpos que nos circundam foram inicialmente distanciados e estilizados em retratos, estátuas e corpos ideais (*Bildkörpern*), depois fotografados em superfícies e transformados em imagens corporais (*Körperbildern*); e finalmente projetados sobre suportes de imagens de diversos materiais, da tela de linho à da televisão, sendo aqui irresistível a tendência à imaterialidade (KAMPER in CONTRERA *et alli*, 2004, p. 83).

Esse processo de abstração⁹ tem características paradoxais. Nossos sistemas de percepção das coisas e dos outros tanto são enriquecidos como são empobrecidos pela

⁷ A partir da afirmação de Paul Watzlawick e outros pesquisadores da Escola de Palo Alto, a respeito da “impossibilidade de não comunicar”, consideramos que também o tomar distância é uma forma de vinculação (1993, p. 44).

⁸ Dietmar Kamper (1936-2001) foi professor do Instituto de Sociologia e fundou o Centro Interdisciplinar para Antropologia Histórica na Universidade Livre de Berlim. Vários artigos do autor podem ser encontrados nos endereços eletrônicos do FiloCom – Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação (www.eca.usp.br/nucleos/filocom) e do CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (www.cisc.org.br), como também em WULF, 2002. No Brasil publicou *O trabalho como vida* (1998).

⁹ Na obra *An Essay on man – An Introduction to a Philosophy of Human Culture*, traduzida como *Ensaio sobre o homem – Introdução a uma filosofia da cultura humana*, o filósofo Ernst Cassirer também mostra que a linguagem e a ciência abreviam a realidade. Para Cassirer, “a linguagem e a ciência dependem do único e mesmo processo de abstração; a arte pode ser descrita como um processo contínuo de concreção” (1994, p. 235).



constante subtração de partes para aperfeiçoamento dos processos comunicativos. Neste contexto podemos afirmar que o cultivo da experiência do ouvir – cultura do ouvir – pode ajudar no trânsito entre as diferentes formas de abstração que conhecemos com o desenvolvimento dos aparatos ou ferramentas de comunicação¹⁰.

Para ouvirmos as possibilidades de trânsitos sonoros nos artefatos que utilizamos para nos comunicar lembramos os diferentes processos analisados pelo filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) para explicar a escalada da abstração¹¹. O autor mapeia o crescimento da abstração na medida em que experimentamos a comunicação tridimensional (com o corpo), a comunicação bidimensional (com as imagens), a comunicação unidimensional (com o traço e a linha da escrita) e a comunicação nulodimensional (com os números e os e os algoritmos das imagens técnicas). Esta escalada da abstração tanto facilita nossa vida quando partilharmos uma versão digital de áudio na Internet ou nos identificamos perante um banco com o número da carteira de identidade, na comunicação nulodimensional, como também subtrai algo quando um diálogo sobre a história de vida ou perspectivas profissionais é limitado às linhas de um currículo escrito na comunicação unidimensional.

Da mesma forma que Platão viveu na época limiar entre os meios da narração e da escrita, Vilém Flusser viveu na época limiar entre a escrita e as imagens técnicas codificadas digitalmente em computador. É este justamente o título de um artigo publicado por Nils Röller, no jornal *Folha de S. Paulo*, na ocasião do décimo aniversário da morte de Flusser: “Um Platão da era dos computadores”.

Relembramos o contexto do trabalho de Flusser e o comparamos ao período de mudanças no qual viveu Platão para observarmos que o autor descreveu um cenário das transformações que experimentamos. Não pretendeu catalogar todos os processos comunicativos, mas apenas nos convidar a pensar a respeito do que ganhamos e do que perdemos no trânsito entre os diferentes processos de abstração.

¹⁰ As relações entre comunicação e incomunicação, bem como a livre escalada da incomunicação no contexto de tantos meios de comunicação são analisadas na obra *Os meios da incomunicação*, fruto de um evento organizado pelo CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia em 2001, no Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo. Conf. BAITELLO Jr.; N. ; CONTRERA, M. S.; MENEZES, J.E. de O. (Orgs.) *Os meios da incomunicação*. São Paulo: Annablume, 2005.

¹¹ Os estudos de Vilém Flusser a respeito da escalada da abstração na evolução dos meios de comunicação são tratados na sua obra *Kommunikologie* (1998). No Brasil, o diálogo com os conceitos de Flusser foi realizado por Norval Baitello Jr., especialmente a partir do texto *Publicidade e imagem: a visão e seus excessos* (Baitello in Contrera & Hattori, 2003, p. 77-82).



Transitar entre esses diferentes processos comunicativos permanece um desafio quando, no atual cenário, privilegiamos a visão. Por isso, quando falamos em cultura do ouvir retomamos as possibilidades de todo o corpo, especialmente do universo sonoro, antes e depois dos equipamentos de comunicação¹². Assim, temos o trabalho direto com o som nas narrativas e diálogos da comunicação tridimensional, como também mediado na comunicação nulodimensional quando depois dos equipamentos de MP3 ou programas de áudio, por exemplo no formato *streaming*, ouvimos os sons reconstituídos por autofalantes ou fones de ouvido. Não se trata aqui de negarmos a importância da comunicação bidimensional do universo das imagens ou da comunicação unidimensional do universo da linearidade da escrita, mas de transitarmos entre os quatro processos de comunicação e observarmos onde podemos ouvir e cultivar vínculos sonoros.

Esta possibilidade de trânsito, já que não podemos mais viver apenas na comunicação tridimensional e não podemos nos satisfazer apenas com a nulodimensional, retiramos de uma conferência performática na qual, conforme testemunho de Dietmar Kamper, o próprio Flusser expôs propositalmente com o seu corpo os quatro passos no caminho da abstração. Segundo Kamper, conforme tradução de Norval Baitello Jr., “ele [Flusser] caminhou para trás, falando e gesticulando sobre o palco do auditório, até bater com as costas na lousa. Depois veio de novo para frente do palco e lecionou (*dozierte*) sobre a tecno-imaginação e as imagens sintéticas” (Kamper *apud* Baitello, 2005, p. 88). Caminhar para trás até bater com as costas na lousa e depois retornar até a frente do tablado do auditório pode ser, na nossa leitura, um sinal do ir e vir entre a comunicação tridimensional e a comunicação nulodimensional, um sinal do avançar até o limite e o retornar do corpo com seus gestos, movimentos, odores e, no nosso caso, especialmente sons.

O diálogo entre a cultura do ver, com o gigantesco e onipresente universo das imagens, e a cultura do ouvir pode oferecer um respiro vital a este movimento de ir e vir. No entanto, como as formas de transmissão sonoras não mereceram ainda a mesma dedicação das formas de transmissão visuais, isto é, contamos com fácil acesso a imagens com alta resolução e limitado acesso ao universo sonoro, é possível que o aperfeiçoamento do tratamento do som, ao lado de exercícios concretos do ouvir no

¹² A importância da reflexão sobre a presença do corpo antes e depois dos equipamentos foi estudada por Harry Pross. Conf. “O espaço nulodimensional. O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária” in: Baitello, 2005.p. 80. Conferir também Menezes, 2004, p. 15.



sentido mais estrito da palavra – ouvir as coisas e ouvir o outro –, nos possibilitem trânsitos também sonoros nos interstícios dos diferentes artefatos ou meios de comunicação.

3. Reversibilidade dos trânsitos sonoros

O estudo dos trânsitos entre os diversos aparatos de comunicação acima descritos nos desafia a uma maior atenção ao universo do ouvir. Tal perspectiva é marcada pela reversibilidade dos movimentos da fonação e do ouvir. Retomamos aqui as contribuições que Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) deixou nos manuscritos postumamente publicados, em 1964, como *Le Visible et l'Invisible*. O autor, ao estudar a fenomenologia da percepção, apresenta uma peculiar leitura do entrelaçamento entre o corpo e o que ele pode ver. “Meu corpo como coisa visível está contido no grande espetáculo. Mas meu corpo vidente subtende esse corpo visível e todos os visíveis com ele” (2003, p.135). Entende, assim, que há uma recíproca inserção e entrelaçamento entre corpo visível e todos “visíveis com ele”. Nesse contexto, descreve que a reversibilidade que define a carne permite o estabelecimento de relações entre os corpos e ultrapassa o campo do visível.

Entre meus movimentos, existem alguns que não conduzem a parte alguma, que não vão nem mesmo procurar no outro corpo sua semelhança ou seu arquétipo: são os movimentos do rosto, muitos gestos e, sobretudo, estes estranhos movimentos de garganta e da boca que constituem o grito e a voz. Tais movimentos terminam em sons e eu os ouço. Como o cristal, o metal e muitas outras substâncias, sou um ser sonoro, mas a minha vibração, essa é de dentro que a ouço; como disse Malraux, ouço-me com minha garganta. E nisto, disse ele também, sou incomparável, minha voz está ligada à massa de minha vida como nenhuma outra voz. Mas se estou bastante próximo do outro para ouvir-lhe o alento, sentir-lhe a efervescência e a fadiga, assisto quase, nele como em mim, ao terrível nascimento da vociferação (2003, p. 140).

Merleau-Ponty mostra que da mesma forma que existe uma flexibilidade do tocar, da vista e do sistema tocar-visão, há uma flexibilidade dos movimentos da fonação e do ouvir. Para ele, os movimentos da fonação e do ouvir possuem sua inscrição sonora, “as vociferações têm em mim seu eco motor”. Assim, “esta nova reversibilidade e a emergência da carne como expressão constituem o ponto de intersecção do falar e do pensar no mundo do silêncio” (2003, p. 140). A reversibilidade do vidente e do visível, do tato e do tangível e, repetimos, da fonação e do ouvir, é

sempre iminente e nunca realizada de fato. Percebemos nossa existência como seres que se entrevêm, que vêm pelos olhos uns dos outros, e “sobretudo” como seres sonoros. Assim, em tal entrelaçamento, “nossa existência de seres sonoros para os outros e para si próprios contém tudo o que é necessário para que, entre um e outro, exista fala, fala sobre o mundo” (2003, p. 149).

Analisando, no contexto da cultura do ouvir, a percepção do universo sonoro percebemos, também como Merleau-Ponty, a circularidade entre falar e escutar, entre ver e ser visto. Para ele, “o quiasma, a reversibilidade, é a idéia de que toda percepção é forrada por uma contrapercepção”, “é ato de duas faces, onde não mais se sabe quem fala e quem escuta” (2003, p. 238).

4. Indícios da cultura do ouvir

*Cultura do Ouvir*¹³ foi o tema de uma palestra proferida por Norval Baitello Jr. no seminário *A Arte da Escuta*, em 1997, na ECO / UFRJ, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na ocasião o autor apresentou caminhos para o diálogo com Joachim-Ernst Berendt¹⁴ e Dietmar Kamper¹⁵. Das relações entre o universo do ouvir e o do ver, dialogando com Berendt, o autor destaca que:

Assim, o ouvir e o ver, operações perceptivas associadas a cada um destes dois universos, requerem ambos o cuidado e o cultivo dos próprios limites. O ouvir, mais vinculado ao universo do sentir, da paixão, do passivo, do receber e do aceitar. O ver, mais associado ao universo da ação, do fazer, da atividade, do atuar, do agir e do poder... (BAITELLO, 2005. p. 106).

Analisando o processo de reprodução inflacionária de imagens e a progressiva cegueira para estas mesmas imagens, dialogando com Kamper, propõe, como último intertítulo da palestra e do artigo citado, a afirmação: “um novo milênio para o ouvir”.

O que resulta desta incrível combinatória é a redescoberta e o resgate do mundo do ouvir, a necessidade de uma nova **cultura do ouvir**. E de uma outra temporalidade. E de um novo desenvolvimento da

¹³ A palestra foi transcrita como *Cultura do Ouvir* e publicada em *Rádio Nova. Constelações da radiofonia contemporânea*, Vol. 3, obra organizada por Zarembo, Lílian e Bentes, Ivana (1999). Uma versão atualizada e reescrita está disponível em *A Era da Iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura*. Baitello, 2005, p. 98-109.

¹⁴ O livro *Nada Brahma. Die Welt ist Klang* (1983), *Nada Brahma. O mundo é som*, foi traduzido e publicado no Brasil como *Nada Brahma. A música e o universo da consciência* (1997).

¹⁵ O texto “O padecimento dos olhos” (Kamper in CASTRO et al. 1997) é a tradução brasileira de um dos capítulos do livro *Bildstörungen. Im Orbit des Imaginären* (KAMPER, 1994).

percepção humana para as relações mais profundas, para os nexos profundos, para os sentidos e para o sentir (2005, p. 108).

No verbete *Fantasia*, publicado no *Vom Menschen. Handbuch Historische Anthropologie*, organizado por Christoph Wulf, o próprio Dietmar Kamper, conforme resgatamos da tradução italiana (2002, p. 1037), pergunta: “É possível dissolver a fixação espacial do olho? Não se devem reforçar as capacidades do ouvido” ?

Nos primeiros estudos sobre rádio também encontramos indícios da cultura do ouvir. Quando Bertold Brecht (1898-1956), em sua *Radiotheorie, Teoria do Rádio* na versão brasileira, lembra que um homem que tem algo a dizer e não tem ouvintes está em má situação, mas estão em pior situação ainda os ouvintes que não encontram quem tenha algo para lhes dizer (2005, p. 36). Por sua vez, Rudolf Arnheim, outro importante teórico do rádio¹⁶, ao observar que o radiouvinte se sente seduzido a completar com sua fantasia o que falta na emissão radiofônica, enfatizou, no entanto, que nada falta à emissão radiofônica, pois sua essência consiste precisamente em nos oferecer a totalidade, não apenas o audível. Ao se referir às peças radiofônicas, mostra que elas criam um mundo próprio com o material sensível de que dispõem, atuando de maneira que não é necessário nenhum tipo de complemento visual (1980, p.86); entende que a força narrativa dos locutores permite que o ouvinte viva intensamente um determinado acontecimento (1980, p. 131).

Mais recentemente, na obra *Os cinco sentidos*, Michel Serres escreve poeticamente a respeito de retomada do corpo diante do processo de racionalização e nos lembra que o corpo “tanto ouve pela sola dos pés como pelos lugares onde se atam e se ligam músculos, tendões e ossos, enfim, na vizinhança de onde o ouvido interno atinge os canais que guiam o equilíbrio, toda a postura está ligada ao ouvido” (2001, p. 139).

Outro campo de estudos da cultura do ouvir pode ser observado nas práticas de construção de histórias de vida como narrativa de não-ficção propostas por Edvaldo Pereira Lima, nas entrevistas dialógicas conforme estudadas por Cremilda Medina e nas abordagens da estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo, experimentadas por Monica Martinez (2005, p.117-124). Tais

¹⁶ Rudolf Arnheim completou cem anos no dia 15 de julho de 2004 (MEDISTCH, 2005, p. 109). A obra completa de Arnheim sobre o meio rádio, *Rundfunk als Hörkunst*, onde também há um capítulo sobre o conceito de audição e o mundo dos sons, foi traduzida para o castelhano por Manuel Figueiras Blanch como *Estética Radiofônica* (Barcelona: Gustavo Gili, 1980).



experimentos¹⁷, aqui apenas apontados como indícios da cultura do ouvir, seguem a trajetória da forma atenta de se ouvir os protagonistas das reportagens conforme fez Joseph Mitchell, um expoente do chamado jornalismo literário, conforme podemos observar no livro *O segredo de Joe Gould* (2003).

Na teia de imagens e sons na qual estamos envolvidos ouvimos, também no universo do rádio, pistas que indicam sinais de uma cultura do ouvir. Destacamos as séries de reportagens *São Paulo de ponta a ponta*, produzida pela jornalista Vera Lúcia Fiordoliva e veiculada pela Rádio Eldorado de São Paulo em 1999 e as séries de reportagens *Adultos Precoces* e *Retrato da Fome*, produzidas pela jornalista Filomena Saleme e também veiculadas pela Rádio Eldorado, respectivamente em 2001 e 2002. Tratam-se exemplos de reportagens¹⁸ que conduzem os ouvintes de uma emissora até os cenários sonoros, criam paisagens que alimentam as imagens internas das pessoas.

Como pistas para a continuidade dos estudos sobre a cultura do ouvir ainda podemos citar a importância da relação eu-tu na perspectiva de Martin Buber, os limites e a insuficiência da fórmula eu-tu segundo a leitura de Merleau-Ponty e, ainda, o predomínio dos discursos sobre os diálogos e a solidão no meio das massas, “consequência da dificuldade crescente para entrarmos em comunicação dialógica uns com os outros”, conforme apontado por Vilém Flusser (1983, p.59). Podemos também considerar que também o amor, na linguagem do filósofo e poeta Rubem Alves, vive num sutil fio de conversação, balançando-se entre a boca e o ouvido¹⁹.

Na cultura do ouvir somos desafiados a repotencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, ampliar o leque da sensorialidade para além da visão. Ir além da racionalidade que tudo quer ver, para adentrar numa situação onde todo o corpo possa ser tocado pelas ondas de outros corpos, pelas palavras que reverberam, pela canção que excita, pelas vozes que vão além dos lugares comuns e tautologias midiáticas.

Entendemos que o cultivo do ouvir pode enriquecer os processos comunicativos hoje muito limitados à visão e nos ajudar a viver melhor num mundo marcado pela

¹⁷ Edvaldo Pereira Lima e Cremilda Medina são jornalistas e professores da ECA - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Conf. LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas. O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Barueri: Manole, 2004. MEDINA, C. de A. **A arte de tecer o presente. Narrativa e cotidiano.** São Paulo: Summus, 2003. Conferir também KÜNSCH, Dimas A. (Coord.) **Casa de taipa. O bairro paulistano da Mooca em livro-reportagem.** São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

¹⁸ A análise detalhada destes exemplos pode ser encontrada em Menezes, 2004.

¹⁹ Utilizando o estilo poético que o caracteriza, Rubem Alves assim contribui para nossa compreensão do tema: “O segredo do amor é a androgenia: somos todos, homens e mulheres, masculinos e femininos ao mesmo tempo. É preciso saber ouvir. Acolher. Deixar que o outro entre dentro da gente. Ouvir em silêncio. Sem expulsá-lo por meio de argumentos e contra-razões” (1992, p. 25).



abstração. Esperamos que estas anotações sobre a cultura do ouvir também contribuam para continuidade da investigação e compreensão do que Dietmar Kamper (1997, p. 136) chamou de “uma nova época do ouvir”. Investigações que poderão nos ajudar a repensar posturas na compreensão dos vínculos sociais, das relações pedagógicas e das práticas dos profissionais da comunicação.



Referências

- ALVES, Rubem. **O retorno e terno. Crônicas**. Campinas: Papirus, 1992.
- ARNHEIM, Rudolf. **Rundfunk als Hörhunst. Estética Radiofónica**. Trad. Esp. de Manuel F. Blanch. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.
- BAITELLO Jr., Norval. “Cultura do Ouvir”. In: **A Era da Iconofagia. Ensaio de Comunicação e Cultura**. São Paulo: Hacker, 2005.
- BAITELLO Jr., Norval. “Publicidade e imagem: a visão e seus excessos”. In: CONTRERA, Malena S.; HATTORI, Osvaldo (Orgs.). **Publicidade e Cia**. São Paulo: Thomson, 2003.
- BERENDT, Joachim-Ernst. **Nada Brahma. Die Welt ist Klang**. Reinbeck/Hamburg: Rowohlt, 1996. Tradução de Zilda Schild e Clemente Mahl. **Nada Brahma. A música e o universo da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- BRETCH, Eugen Bertold Friedrich. “Teoria do Rádio”. In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do Rádio. Textos e contextos. Vol. I**. Florianópolis: Insular, 2005.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FLUSSER, Vilém. **Pós-história. Vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.
- KAMPER, Dietmar. **Bildstörungen. Im Orbit des Imaginären** (Distúrbios da Imagem. Na Órbita do Imaginário). Stuttgart: Cantz, 1994. Trad. bras. do capítulo “O padecimento dos olhos”.
- KAMPER, Dietmar. “O padecimento dos olhos”. In: CASTRO, G. de; ALMEIDA, M. C. e CARVALHO, E. de A. **Ensaio de Complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997. p. 131-137.
- KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1998.
- KAMPER, Dietmar. “Estrutura temporal das imagens”. In: CONTRERA, M. S. et alli. (Orgs.). **O espírito do nosso tempo. Ensaio de semiótica da cultura e da mídia**. São Paulo: Annablume, 2004.
- KAMPER, Dietmar. “Fantasia”. In: WULF, Christoph; BORSARI, Andrea (Orgs.). **Corpo, Cosmo e Cultura. Enciclopedia Antropologica**. Milano: Bruno Mondadori, 2002. p. 1031 – 1038.
- MARTINEZ, Monica. “Jornada do herói: A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo”. **Communicare**. Vol. 1, n° 2, 2° sem. 2005, p. 117-124.
- MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do Rádio. Textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.
- MENEZES, J. E. de O. **Vínculos Sonoros. O rádio e os múltiplos tempos: as vozes da cidade**. Tese de doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2004.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MITCHELL, Joseph. **O segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MONTAGU, Ashley. **Tocar. O significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1988.
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papirus, 1998.



RÖLLER, Nils. “Um Platão da era dos computadores”. In: **Folha de S. Paulo**. Caderno **Mais**. 16 dez. 2001.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SPERBER, George Bernard (Org.). **Introdução à peça radiofônica**. São Paulo: EPU, 1980.

SACHS, Oliver. **Vendo vozes**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos. Filosofia dos corpos misturados**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

ZAREMBA, Lílian; BENTES, Ivana. **Rádio Nova. Constelações na radiofonia contemporânea 3**. Rio de Janeiro: UFRJ / Publique, 1999.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, J.; JACKSON, D.D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1993.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo**. Organização e apresentação de Etienne Samain. Campinas: Papyrus, 1998.

WULF, Christoph; BORSARI, Andrea (Orgs.) **Cosmo, corpo, cultura. Enciclopedia Antropologica**. Milano: Bruno Mondadori, 2002.